

## DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL COM RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIA

*Paulo Roberto Colombo Arnoldi (\*) y Nicole Gonzales Colombo Arnoldi*

### Sumário:

I. Introdução. II. A responsabilidade social das empresas para o desenvolvimento sustentável. III. Bibliografia.

### Resumo

A ponencia faz uma análise do comportamento irresponsável adotado pelas empresas dentro do capitalismo atual, visto como excludente e predador, cuja única lógica é o lucro. Propõe, em contra partida, uma mudança de enfoque na sua gestão estratégica, para adoção de boas práticas de governança corporativa, com responsabilidade social, objetivando a sobrevivência dos seus negócios, pessoas e planeta, tendo por norte o desenvolvimento econômico sustentável ou, sustentabilidade. Conclui que só o desenvolvimento sustentável é que subverterá o atual modelo de negócios, dando maior perspectivas às empresas e as futuras gerações.

**Palavras chaves:** Empresa - Capitalismo - Responsabilidade social – Sustentabilidade.

---

(\*) Professor de Direito Comercial do Programa de Mestrado em Direito da UNAERP.

## I. Introdução

Uma das questões mais em evidência no mundo atual é a relacionada ao desenvolvimento econômico sustentável, ou simplesmente sustentabilidade.

Trata-se de um novo valor que se está agregando, e que em muito se assemelha aos Direitos Humanos a Justiça Social. Como um elefante é difícil conceituá-lo, mas fácil de identificá-lo.

Está aliada a vários interesses que se conciliam como: regimes autoritários, guerras, erradicação da pobreza entre outros, que para mudá-los exigirá profundas transformações no modelo atual dominante de civilização, que só serão superadas com: inovação, adaptação e reformas.

Exemplo desta situação é o aquecimento global. Para evitá-lo dependerá primeiramente de boa vontade política dos governantes e empresários, com investimentos maciços em ciência, tecnologia e inovação, além de imensos esforços de adaptação com as profundas reformas que serão necessárias para serem implementadas com o intuito de se atingir esses objetivos, o que diga-se, não será nada fácil.

Essas transformações dependerão de uma agenda reformista com ênfase nas questões ambientais, que tem como subprodutos, problemas sociais, econômicos e políticos.

O desenvolvimento sustentável deve ser entendido como diz José Eli da Veiga <sup>(1)</sup>, em artigo publicado no Jornal Valor, 27 a 29 de julho de 2007, pp. A19 “a consciência coletiva sobre o possível e provável encurtamento da própria espécie humana neste planeta que formulou a expressão DS para se referir á esperança de que seja possível compatibilizar a expansão de sua liberdades com a conservação dos ecossistemas que constituem sua base material”.

---

(1) Veiga, José Eli da, “Dúvidas comuns sobre um elefante”, Jornal Valor, 27 a 29 de julho, 2007, ps. A-19

## II. A responsabilidade social das empresas para o desenvolvimento sustentável

As empresas têm um papel fundamental neste processo. São os grandes agentes para que o processo evolua de forma responsável, harmônica e sustentável.

Aquelas que não entenderem, acompanharem e modificarem sua forma de atuação persistindo no atual modelo, ou seja, atuando irresponsavelmente sem perspectiva de sustentabilidade, a tendência, provavelmente, é desaparecerem do mercado.

Para sobreviverem, terão que mudar sua concepção de capitalismo, excludente, predador, cuja única lógica é o lucro e adotar uma visão responsável e estratégica de longo prazo.

Segundo índice desenvolvido pela Standard & Poor's, citado por Fernando Almeida em artigo publicado no Jornal Valor, quarta feira 25 de julho de 2007, pp. F2<sup>(2)</sup>, em 2020, 75% das 500 empresas que estarão relacionadas no índice, não são conhecidas hoje. As 100 empresas sobreviventes serão muito diferentes das atuais, terão que apreender a transformar riscos e desafios sócio-ambientais em oportunidades de negócio.

Segundo análise do autor, algumas atividades econômicas no Brasil em 2020 tenderão a desaparecer do mercado pelo esgotamento dos recursos naturais dos quais dependem diretamente, ou por imposição do mercado consumidor cada vez mais exigente. Cita como exemplos as fazendas de camarão que criam crustáceo a custa da destruição de manguezais muito comuns no Nordeste brasileiro e os segmentos do agronegócio que desenvolvem suas atividades, desmatando florestas esgotando seus recursos naturais, reeditando o trabalho escravo e a mão de obra infantil.

Ao contrário dessas empresas irresponsáveis, existem aquelas que estão empenhadas e preocupadas em criar estratégias e processos produtivos objetivando sobrevivência dos seus negócios, pessoas e planeta, tendo por norte a sustentabilidade. Essas empresas são as que adotam, governança corporativa, com boas práticas de responsabilidade social.

---

(2) Almeida, Fernando de, "Subversão para o Capitalismo Sustentável", Jornal Valor, quarta feira 25 de julho de 2007, pp. F.2

Este é o caso da Sadia, uma das maiores empresas de alimentação do Brasil, que segundo notícias veiculadas no Jornal Valor, pp. B12, Segunda-feira, 30 julho de 2007 <sup>(3)</sup>, caderno Agronegócios, está liderando um fórum de sustentabilidade no país, com o objetivo de estudar ações para tornar sustentável a cadeia de alimentos no Brasil, através de trocas de idéias com outras instituições congêneres, como é o caso da Bunge, Carrefour, Klabin, Nestlé, Unilever e Adecoagro. Esse grupo quer criar interferências que provoquem mudanças drásticas e façam as pessoas buscarem outras saídas para sua forma de atuar, a exemplo do que ocorreu com as instituições financeiras, que passaram a exigir de seus clientes modelos de gestão sócio-ambientais.

Essas empresas que estão mudando sua concepção de capitalismo compreenderam que, aquilo que acontece no tecido social e ambiental terá repercussões em seu negócio e na sua lucratividade podendo, levá-la ao fracasso, ou a uma difícil crise de debelar no futuro, ou até mesmo no curto prazo, dependendo de sua área de atuação.

Segundo o norueguês Bjorn Stigson, citado pelo autor acima mencionado, - "Não existe empresa saudável em uma sociedade falida".

Diante desta nova situação, deve-se conscientizar, as autoridades governamentais, lideranças empresariais, seus subordinados, formar novos líderes para o futuro, para a importância do desenvolvimento sustentável, com adoção de boas práticas de responsabilidade social

Deve-se, ao mesmo tempo, divulgar com transparência ao público os resultados sociais, culturais, ambientais obtidos, através da publicação de Balanços Sociais, como forma de prestar-se contas aos acionistas, investidores, a sociedade dos atos e investimentos realizados e como exemplo a ser seguido.

Deve-se, também, ao lado destas boas práticas de responsabilidade social, estimular parcerias e alianças estratégicas com outros atores para enfrentar essa situação de risco; estimular e executar novas idéias e ações não convencionais; alterar sistemas e estruturas políticas arraigadas em concepções já ultrapassadas; estimular e incentivar os agentes públicos na utilização de políticas sustentáveis na sua área de influencia.

---

(3) Almeida, Fernando de, *Os desafios da sustentabilidade: uma ruptura urgente*, Editora Campús, São Paulo, 2007.

Fernando de Almeida, que é presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável em seu livro “Os desafios da sustentabilidade uma ruptura urgente”, Editora Campus, SP., 2007<sup>(4)</sup>, aprofundando sua análise na previsão dos índices da agência Standard & Poor’s, procura ilustrar o futuro que nos espera no mundo empresarial e na própria sociedade. Para ele o processo de ruptura do modelo de negócios tradicional já foi iniciado, porém sem a intensidade e abrangência necessárias para vencer os dramáticos dilemas que se apresentam hoje, que são a falência dos serviços ambientais e a miséria.

Segundo pesquisa encomendada pela ONU em 2001, intitulada “Avaliação Ecosistêmica do Milênio” citada no seu livro, dos 24 serviços ambientais considerados essenciais para a nossa vida -entre eles, água e ar limpos, a regulação do clima e a produção de alimentos, fibras e energia- 15 estão desaparecendo ou perdendo gradativamente a função. Isto quer dizer que a capacidade do planeta de continuar a prover os recursos básicos, tanto para o setor privado, produtor de bens e serviços, quanto para a sociedade está se esgotando. O modelo concentrador de desenvolvimento e o uso insustentável dos recursos naturais explicam, de forma semelhante, o esgarçamento do tecido social, seja na periferia de Paris, no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, acrescentamos, na periferia de Buenos Aires.

Algumas grandes empresas brasileiras como a Petrobrás, Natura, Guerdau, os Bancos Real, Itaú e Bradesco, já vêm adotando e implementando essas boas praticas de ecoeficiência e de responsabilidade social corporativa, que embora bem vistas, ainda são muito tímidas, ante a realidade que estamos enfrentando e a que se vislumbra para o futuro.

Desta forma, torna-se imprescindível, um maior engajamento de todos setores da sociedade civil, dos governos em todas suas esferas, Federal, Estadual e Municipal, dos setores privados, no sentido de se mobilizarem para que implementem, urgentemente, essas transformações do modelo de desenvolvimento atual, excludente e predador, para o modelo de desenvolvimento sustentável.

---

(4) Skaf, Paulo, “Industria brasileira vai a luta sem estratégia de longo prazo”, Jornal Gazeta de Ribeirão, Caderno Cidades, p. 30, domingo 2 julho 2006.

Essa integração, indispensável nos dias de hoje, é que vai determinar se a ruptura acontecerá de maneira coordenada e planejada, ou sob a forma de cataclismos, sejam ambientais como escassez global de água e elevação do nível dos oceanos, sejam sociais como, migração de refugiados ambientais, como vivenciamos em Cubatão, São Paulo na década de 80 e em breve se assistirá na China, etc.

Caso não se implemente essas medidas indispensáveis, não serão nossos filhos que sofrerão as conseqüências, somente nos mesmos.

Só desenvolvimento sustentável é que subverterá o modelo de negócios, dando maior perspectivas às empresas e às futuras gerações.

Paulo Skaf, presidente da Federação das Industria do Estado de São Paulo - FIESP, maior entidade corporativa dos empresários brasileiros, em entrevista ao Jornal Gazeta de Ribeirão, Caderno Cidades, p. 30, dá esse alerta explicando que, a industria brasileira vai a luta sem estratégia de longo prazo. Salienta, ainda, que em pesquisa encomendada por sua instituição foi diagnosticado que, as empresas brasileiras tem qualidade, mas falta uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

As mudanças e as transformações não podem esperar. O futuro se constrói hoje, com planejamento, organização e ação consciente.

### III. Bibliografia

ALMEIDA, Fernando de, *Os desafios da sustentabilidade: uma ruptura urgente*, Editora Campus, São Paulo, 2007.

- "Subversão para o Capitalismo Sustentável" Jornal Valor, quarta feira 25 de julho de 2007, ps. F.2

BARROS, Betina, Jornal Valor, ps. B12, 30 jul. de 2007, Caderno Agronegócios.

SKAF, Paulo, "Industria brasileira vai a luta sem estratégia de longo prazo", Jornal Gazeta de Ribeirão, Caderno Cidades, p. 30, domingo 2 julho 2006.

VEIGA, José Eli da, "Dúvidas comuns sobre um elefante", Jornal Valor, 27 a 29 de julho, 2007, ps. A-19